

Prefácio

Henrique Carneiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARNEIRO, H. Prefácio. In: SOARES, M. O. *O harém ao rés do chão: imaginário europeu e representações médicas sobre o lugar-segredo, 1599-1791* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017, pp. 1-6. ISBN 978-85-68576-81-6. <https://doi.org/10.7476/9788568576816.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Henrique Carneiro

Professor do Departamento de História da USP

O harém é um dos conceitos mais emblemáticos do que Edward Saïd chamou de *Orientalismo*. Ou seja, uma visão europeia do mundo árabe, turco e persa imaginada e falsa e que de tão difundida se torna um senso comum.

O que é um harém?

No imaginário ocidental, seria um grupo de mulheres à disposição de um homem como concubinas. O termo odalisca, que se refere a uma camareira do palácio otomano, se tornou popular no Brasil como uma personagem de carnaval.

Essa noção mistura o serralho otomano, ou seja, o domínio privado das esposas ou serviçais de um sultão, com o termo mais amplo – *haram* – usado em árabe para denominar o que não é permitido ou acessível, por exemplo, o espaço doméstico feminino. Opõe-se, assim, ao conceito de *halal*, ou o que é lícito.

A transformação da esfera doméstica árabe islâmica numa fantasia poligênica orgiástica foi parte da visão

ocidental que sexualizou a alteridade oriental, conferindo-lhe atributos de luxúria, luxo e voluptuosidade.

Há pouco desenvolvimento no Brasil dos estudos históricos sobre o Orientalismo e sobre os diferentes territórios geográficos que correspondem a esse espaço simbólico. Por isso, a tese de doutoramento de Marina Soares se constitui num trabalho pioneiro de grande envergadura investigativa e de enorme erudição no uso das fontes e no diálogo com a bibliografia internacional.

Os relatos de cerca de dezesseis viajantes que, ao longo dos séculos XVII e XVIII, desbravaram o Marrocos, o norte da África, a Turquia otomana e a Pérsia são o material principal a partir do qual a historiadora analisa a natureza das representações ali apresentadas. Graduada em História, com mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe, esta pesquisa ora publicada foi o seu doutorado em História Social pela USP, que tive a enorme satisfação de ter orientado.

Desde o início de nossas primeiras conversas que me dei conta da sua dedicação e imensa erudição e, juntos, pudemos avaliar a importância de tantos elementos do encontro cultural entre europeus e povos islâmicos como árabes e turcos, entre os quais, a cultura do café despontava, para mim, como um dos elementos mais notáveis.

A época moderna vai ser moldada por dois grandes encontros: o do Velho Mundo com as Américas e o da Europa com o Oriente. Estes dois impactos moldaram as estruturas econômicas, sociais e culturais.

O conceito de Europa vai ser forjado numa oposição às suas alteridades. Enquanto o mundo selvagem dos americanos se constituiu num campo aberto para a colonização,

diante de populações fragilizadas e dizimadas pelo choque biológico e militar, o amplo universo das grandes civilizações asiáticas e norte-africanas se tornou um enigma a ser decifrado e um desafio a ser temido, pois foi do avanço otomano que surgiu a própria periodização da época moderna, marcada pela tomada turca de Constantinopla em 1453.

Nasce, desde então, aquilo que foi analisado como o imaginário do Orientalismo. A representação das diferenças entre os europeus e os povos chamados de orientais vai ser marcada por diversos elementos recorrentes: a noção de um despotismo político associado a uma percepção de traços exóticos na vida cotidiana, especialmente na condição das mulheres, cobertas e restritas ao olhar estrangeiro, ocultando uma sexualidade intensamente idealizada.

O conceito ocidental do harém se constitui nesse processo como um dos mais notáveis segredos de um erotismo imaginado a partir das descrições dos viajantes.

O primeiro ocidental a pisar no interior de um harém, o médico inglês William Lempriere – solicitado a prestar seus serviços no Marrocos para o príncipe, em 1789, e, depois, em dois haréns – escreveu seu relato, em que a descrição do mundo islâmico se acompanha de várias considerações médicas sobre a diferença de humores e climas que se manifestam diferentemente nos não europeus.

Esse e outros textos analisados constituem um dos veios principais do florescente gênero das narrativas de viagem, que será fundamental para delinear e formar o imaginário europeu do Oriente. Os cânones desse gênero colocam em questão as dimensões da gradação testemunhal em que as categorias do verossimilhante e

do improvável se misturam para fornecer informações que, por vezes, nem sequer foram vividas pelos próprios narradores.

Um destes viajantes narradores foi Thomas Dallam, construtor de instrumentos musicais encarregado pela rainha Elizabeth de levar um deles como presente ao imperador otomano Mehmet III, em 1599. Seu relato, no entanto, só veio a ser publicado em 1848. Tendo sido convidado a permanecer em Istambul, voltou, entretanto, para a Inglaterra.

A grande maioria dos escritos é de viajantes masculinos, mas há a exceção notável do relato de Mary Wortley Montagu, que em 1716 acompanhou o marido que assumiu como embaixador britânico em Istambul. Cerca de meio século depois, suas cartas publicadas fizeram parte do reduzido número de cerca de vinte mulheres inglesas que publicaram relatos de viagem.

Ao lado do desprezo pela suposta inferioridade da medicina islâmica em muitos relatos, também se encontra a noção de que no Oriente havia um luxo superior, um refinamento mais delicado e um conjunto de artes particulares. Além do café, outros produtos orientais vão ingressar na Europa atraindo seduções e cobiças, como os cosméticos, as sedas, os perfumes.

Dentre as descrições dos eunucos, da poligamia, do confinamento feminino, das práticas homossexuais, que impressionam os olhares dos viajantes europeus, destaca-se uma visão do domínio da luxúria, da voluptuosidade indolente. O olhar médico europeu tende a ver na condição dos países quentes uma maior propensão à devassidão em contraste com a fria temperança europeia.

O harém é, assim, o fio condutor de uma análise que passa pelos dois mundos do chamado Oriente, mesmo que um deles, o Norte da África se situasse a oeste da Europa. Trazer o harém a sua realidade histórica e antropológica é retirá-lo de uma paisagem imaginária, descrita com o olhar fantasioso de europeus de séculos atrás, enfocando-o ao rés do chão como um lugar-segreto, ou seja, um espaço de intimidade não desvelável aos de fora e também como um mistério secreto que deixou à imaginação europeia um amplo espaço de indagação.

Na minuciosa e muito bem escrita narrativa de Marina Soares sobre as narrativas de viajantes se destaca também uma reflexão sobre o papel da cultura livresca na história moderna, de como ela se associa com os “gabinetes de leitura”, com as *coffee-houses* e outros espaços em que começou a se desenvolver, juntamente com o hábito do café e os negócios em torno de sua venda e compra, uma curiosidade acentuada sobre o mundo oriental que se desenhava em contornos fascinantes nos livros dos que haviam estado lá e podiam dar o testemunho do próprio olhar.

Este livro navega em muitas águas do universo historiográfico. Traz uma contribuição inédita aos estudos sobre o orientalismo. Envereda pelos meandros dos estudos sobre a sexualidade e o corpo oriental no olhar europeu. Situa a mulher e o corpo feminino no centro de uma investigação historiográfica. Discute a relação dos textos com a ação concreta, a influência das narrativas sobre a construção de referenciais simbólicos. E desvenda, acima de tudo, pressupostos no encontro moderno dos europeus com os mundos orientais que são desconstruídos em toda a sua tessitura de múltiplos significados interpostos.

Livros sobre viajantes convidam a viajar. Este abre portas semicerradas e portos desconhecidos de nosso dia a dia. Convido a todos os leitores a nele embarcarem e, como em toda aventura, a carregarem pouca bagagem, pois dele irão trazer muito mais do que para ele levaram.